

categorias numa dada língua – no caso, o português – que instaura certo desnível no texto. É como a execução de árias em entreatos, as quais, exigidas por alguma cláusula do contrato que a orquestra assumiu, entretanto destoassem, por menor nobreza, do concerto oferecido. José Luiz Fiorin, ele mesmo, é o que fala da instabilidade das categorias, não o que lista preposições que “enunciam” (p. 172) tal ou tal categoria topológica; é o que põe sob batuta princípios geradores de efeitos de sentido, não o que apresenta o “sentido” que determinados advérbios “expressam” (p. 272). Fiorin, é, afinal, o que **persuade**, coisa que, como ele mesmo confessa (p. 301), é a intenção da obra, e coisa que, com certeza, não se obtém listando advérbios (p. 162-164).

No balanço derradeiro da leitura de *As astúcias da enunciação*, no balanço das “intenções” confessadas e do “produto” oferecido, o que de mais conclusivo se pode dizer é que, a partir de agora, o estudo das categorias da enunciação em português tem uma parada obrigatória. Uma parada para admitir, sem pejo e com legitimidade, o mito a atravessar a História, a criação a instabilizar o sistema, e, afinal, a astúcia a driblar e a sobrelevar limitações, produzindo sentido na linguagem.

AS SUGESTÕES DO CONSELHEIRO – A FRANÇA EM MACHADO DE ASSIS – ESAÚ E JACÓ E MEMORIAL DE AIRES, DE GILBERTO PINHEIRO PASSOS, EDITORA ÁTICA, COLEÇÃO ENSAIOS, 143, 1996.

Wagner Madeira *

Sugestões do chef Machado de Assis

Machado de Assis criou, no final da vida, um *alter ego*: o Conselheiro Aires, diplomata, personagem de *Esau e Jacó* e narrador de *Memorial de Aires*. Como escritura da maturidade, estes romances trazem o tom sombrio da passagem do tempo, ao lado de uma fina ironia no retrato da sociedade brasileira do final do século XIX. O livro de Gilberto Pinheiro Passos focaliza, portanto, o momento culminante da carreira literária de Machado. Nada melhor para quem tem o propósito de inventariar as referências francesas na obra de nosso maior escritor. O intertexto, segundo Passos, “corresponde ao lapso em que a leitura feita pela nova geração propicia um outro pequeno ganho, na busca da permanência, uma vez que o texto novo reatualiza o anterior, inserindo-o num contexto diferente do inicial e lhe dando, na outra vida, a superação de sua condição primeira”, p. 112.

E o velho Machado usou e abusou de citações francesas. Ao longo de seu livro, acuradamente estruturado em dez capítulos, Passos nos mostra a cultura francesa do escritor, manifesta pelo narrador Aires. São trinta e cinco momentos nos quais a França se faz presente em *EJ* e *MA* (leia-se *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*), diluídos no que o ensaísta classificou como cinco eixos temáticos: amor, política, tempo, vida à francesa e metalinguagem. Desfilam Madame de Sévigné, Victor Hugo, Racine, Villon, Mérimée, Proudhon, Madame Roland, Voltaire, Boileau, Buffon, todos apropriadamente pontuados por Passos, que consegue demonstrar ao mesmo tempo didatismo e erudição. No seu texto, os comentários sobre a problemática intertextual vêm apoiados por sólida bibliografia, fundamental tanto para os estudiosos de Machado, quanto para os amantes da literatura em geral. Trata-se de um trabalho de fôlego, haja vista a natural extensão da herança crítica machadiana.

Passos vai ao ponto, escudado na bagagem acumulada como professor livre-docente de Língua e Literatura Francesa, no Departamento de Letras Moder-

* Mestrando em Literatura Brasileira na FFLCH – USP, bolsista da FAPESP.

nas da USP e, principalmente, pela experiência anterior adquirida com o livro publicado em 1988: **A poética do legado; o intertexto francês em Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Feita a comparação, o estudo atual ganha em abrangência bibliográfica, seja para os pesquisadores em literatura comparada, na linha de Kristeva, seja no entendimento da crítica machadiana. Neste particular, o autor não se isenta de opinar. Com propriedade, discorda de críticos como Astrojildo Pereira, que praticava a tradicional crítica de fontes, ou seja, coteja-se o texto de origem com o texto em questão, sem se ater ao relativismo do galhofeiro Machado, como bem observa o ensaísta. Acerta em vincular a personagem Flora ao domínio do mito – a indecisão é a negação do tempo – com sua dedicação à música se colocando a contrapelo da história. Supomos aqui uma adesão às postulações de Eugênio Gomes sobre Flora, personagem afeita aos desígnios de Orfeu.

Tomado no conjunto, **As sugestões do Conselheiro** contribui para refutar a linha crítica que remonta a prógonos como Sílvio Romero, de que a obra de Machado seria despolitizada, desprezaria a cor local. Passos enumera minuciosamente quanto o escritor retratou o seu tempo, um Brasil às voltas com os novos ares republicanos, borrifados por perfumes franceses, mas exalando provincianismo nos costumes do cotidiano, na prática política fisiológica, etc. Não é exagero afirmar que **EJ** e **MA** são verdadeiras crônicas de época, material abundante para historiadores, não só os da literatura. Ocorre que o texto machadiano estava à frente de seu tempo, prenunciando caminhos que se confirmariam no modernismo pós - primeira guerra mundial: narrativa fragmentada, incursões metalingüísticas privilegiando a recepção do texto pelo leitor, como nunca antes um escritor brasileiro havia tentado.

O ensaísta, com argúcia, identifica os jogos praticados pelo bruxo Machado, narrativa lúdica na concepção e na expectativa de recepção: jogo ficcional das epígrafes; entre o velho e o novo, o futuro brasileiro e o passado francês; vida e morte (pássaros, ruído, movimento – jazigos, silêncio, imobilidade); com a instituição jurídica, na expressão latina *habeas-corpus*; “jogo do duplo e do uno engendrando significações presas a fraturas e uniões”; jogo intertextual que se confere à personagem Flora; de citações e alusões, chamado de especular e o jogo da escritura a que o leitor é convidado a participar todo o tempo.

É de se lamentar que um elemento lúdico fundamental em **EJ** tenha sido abordado *en passant* pelo autor, qual seja o da presença do jogo de xadrez, considerado por Passos – com acerto, a bem da verdade – como índice bélico, o que confrontaria com o personagem Aires que é avesso à controvérsia e à discórdia. Mais que isso, caberia reforçar as intenções do narrador em jogar com o leitor, tal qual se faz nas estratégias complexas do xadrez. Passos identifica a passagem “Fora com diagramas”, mas não se alonga nas implicações metalingüísticas decorrentes dela. Entendemos que, para Aires-Machado, a intenção é dificultar a vida do leitor, fazendo com que ele se enrede nas complicações dos jogos narrativos.

Outro aspecto que nos chama a atenção é a ausência de comentários sobre o humor machadiano. Ora, quando se cometem desproporções como a Acrópole *versus* loja de barbeiro, sistemas de governo *versus* tabuletas, símile de Flora com a asna de Buridan, todas inventariadas por Passos, se está evidentemente buscando o tom humorístico, irônico, que permeia a obra madura de Machado e da qual o Conselheiro é o exemplo mais refinado. Uma explicação possível para esta lacuna seria o crédito dado pela crítica machadiana de que o humor do escritor é preponderantemente de corte inglês, na linha de autores como Sterne, o que desviaria o ensaísta dos propósitos de influência gálica. Se foi isso, bastaria citar o trecho que o próprio Passos no traz, no comentário de José Paulo Paes sobre o Conselheiro: “o *rapporteur* que prolonga o *voyeur*”. Assim, a ironia, e o humor por conseguinte, são presenças constantes no relato dos costumes provincianos, por demais dóceis aos modismos europeus, notadamente franceses. Trazidos na pena da galhofa do cosmopolita Aires, servem de meio de expressão para o igualmente diplomático Machado de Assis.

Passos dá o crédito para Flávio Loureiro Chaves, em duas ocasiões, sobre a afirmação de que **EJ** é narrativa, não um romance. Interessa-lhe caracterizar a importante noção de representação, suas implicações na forma e no conteúdo da narrativa, abordando o indefectível tema da verossimilhança, via Boileau, na inviabilidade de se representar um diplomata só com o estofado da língua portuguesa. Passos vê o crítico Machado de Assis por trás da máscara em **MA** e **EJ** – na esteira do achado de Bosi – “o brasileiro que, ao tratar de sua pátria e momento histórico, utiliza-se de momentos de outras literaturas, sincronizando elementos da história literária e operando a tensão entre o local e o internacional”. Ao afirmar sua posição, o ensaísta é categórico: para melhor representar o Brasil é preciso sair dele. Conclui nos mostrando que o Conselheiro Aires é “uma representação oblíqua do Brasil, tensão dialética, complexa e aberta ao patrimônio haurido fora do país”.

O livro de Gilberto Pinheiro Passos é indispensável porque coloca **EJ** e **MA** no lugar de destaque que merecem: viés valioso para o entendimento do Brasil, não só do imberbe período republicano, como também para as motivações ideológicas atávicas que se escondem por trás das postulações contemporâneas, chamadas de pós-modernas. De certa forma esquecidos pelo cânone acadêmico, negligenciados pela indústria do vestibular, os romances em questão possuem todas as qualidades que a escritura madura de Machado soube produzir, patrimônio intelectual que a crítica literária ainda não se dá conta de abarcar. **As sugestões do Conselheiro** é obra esclarecedora, supera seus propósitos de crítica comparada. Outras sugestões estão à espera de enfrentamento, mãos à obra, machadianos.